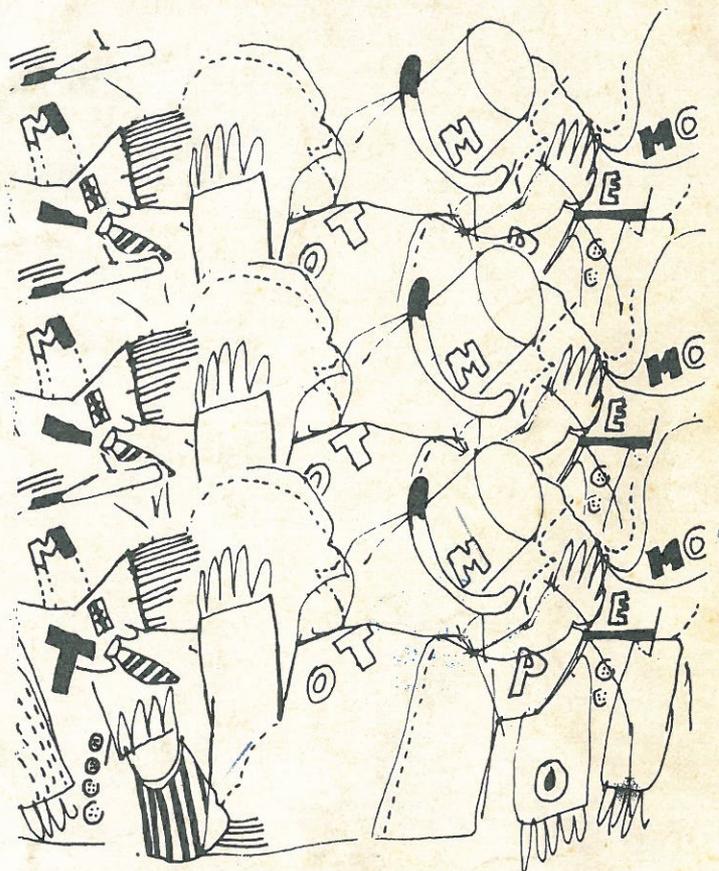


O	PM	
T	OO	
E	e	D
M	O	O

N.º 73 — NOVA SÉRIE  
1969



**socialismo democrático**  
**social democracia**  
**descoberta do caminho**  
**marítimo para a europa**  
**ora vamos às eleições**

# ACTUALIDADE CRÍTICA CRÍTICA DA ACTUALIDADE

# PALAVRAS INCÓMODAS

Seria demasiado fácil se o recurso a um dicionário nos pudesse esclarecer de uma vez para sempre sobre o sentido das palavras, esses elementos de base da linguagem, de que nos servimos, melhor ou pior, para tentar comunicar uns com os outros. Simplesmente, além de que os dicionários são elaborados por homens como nós, que dão às palavras que aí inscrevem o sentido que têm «para eles» (e, mesmo isso, nas suas utilizações mais frequentes), acresce que não é necessariamente função dos dicionários essa de serem portadores de uma semântica, e muito menos, até por construção, de uma semântica que tenha em conta considerações de ordem dialéctica, apoiando-se na existência de «binários insignificantes». Os filósofos, os linguístas ou outros profissionais destas matérias chocar-se-ão talvez pela pouca ortodoxia com que vamos apresentar o problema. Não se trata, na realidade, de introduzir ninguém em quaisquer estudos especializados (os interessados nisso por certo saberão buscar meios mais próprios para a sua iniciação do que a leitura das páginas desta revista); o que se pretende é apenas chamar a atenção para uma certa maneira de não se deixar alienar pelas palavras. Sendo a linguagem uma laboriosa construção humana, ela pode ser um duplo veículo de alienação. É-o em si própria quando usada mecânicamente, não como meio de comunicação, mas co-

mo expressão de uma espécie de «falo, logo existo», monólogo que se justapõe a outros para construir a maior parte das nossas conversas quotidianas. A alienação está aí portanto, na utilização da linguagem para o fim oposto àquele para que foi criada: o isolamento, em lugar da comunicação. Mas, além disso, ela será a fonte de outras alienações que através dela se exprimem. Entre múltiplos exemplos, poderemos citar o seu emprego para fins publicitários.

Vamos centrar a nossa sumária análise à volta de dois daqueles binários significantes, intimamente ligados entre si, e que não serão mais do que modelos para tantos outros que deixamos à reflexão do leitor identificar. As palavras que os formam têm a propriedade particular de, permitirem as mais variadas interpretações, furtarem-se a uma apreensão exacta de um sentido que só se revelará quando se aprecie simultaneamente a palavra que, numa dada situação, se lhe opõe em contradição dialéctica.

## CONSERVAR — TRANSFORMAR

Parece evidente que a palavra **transformar** não tem o mesmo sentido quando utilizada por aqueles que se propõem «transformar o mundo» em oposição aos que «o têm interpretado», ou na acepção com que por vezes se ouve referir «as transformações por que tem passado o

país **X** desde que subiu ao poder o senhor **Y**.» Com efeito, para estas as transformações serão apenas um meio para **conservar**. Será tão só uma aparência de muda, que se adapta, que se «aggiorna» enquanto que a essência permanece — as estruturas sociais, os valores dominantes, os objectivos das classes dirigentes.

Desde já aparece, portanto, claro que a palavra **transformar** só poderá ser plenamente entendida quando ao mesmo tempo se refira o que **conservou** ou pretende **conservar**. Cada uma das palavras, só por si, como em geral são empregadas, carece de real significado. Em torno disto se situam todos os equívocos derivados do uso e abuso de palavras familiares daquelas, como sejam **reforma** e **revolução**, entre outras. Que se passa com a onomástica dos partidos políticos latino-americanos. Difícil nos será encontrar um só que se intitule reformista. Ele estaria desde logo condenado, pelo sentido pejorativo que a gíria política atribui ao termo. Pelo contrário, multiplicam-se os partidos que se designam por revolucionários. Dentro da óptica que propomos tem de facto tanto significado uma coisa como outra. De um partido como o que há várias décadas governa o México, e que se chama Partido Revolucionário Institucional, o menos que se poderia esperar, se se tomasse à letra o seu nome, seria a revolução permanen-

te... dentro do respeito das instituições — o que parece não nos adiantar muito. Ora será o mesmo o sentido da palavra **revolução** para os actuais dirigentes mexicanos, para os homens de 1910 ou até para um Cardenas, que já governou em nome do mesmo partido? No fundo, uma revolução que perdeu o seu conteúdo inicial terá todo o direito de continuar a chamar-se revolução; a palavra é que mudou de sentido, e é isso que é importante compreender.

Aliás, como todos sabemos, este binário é tanto mais incómodo quanto é sobre ele que assenta a distinção que em política se costuma fazer entre direitas e esquerdas. **Conservar** é característico das direitas, **transformar** é-o das esquerdas. Se, em geral, estas se encontram mais divididas do que aquelas, uma das razões fundamentais é que, precisamente, conservar representa uma opção mais ou menos definida (e mesmo assim os homens de direita suficientemente lúcidos sabem que há um mínimo de transformação indispensável para poder conservar o essencial, isto é, compreendem a ligação necessária entre os dois termos do binário que vimos considerando). Já, no campo oposto, transformar implica a resposta a perguntas do tipo «transformar como?», «com que objectivo?», «pondo em jogo que meios?», «conservando o quê?», permite, desse modo, uma grande diversidade de posições. Os equívocos no diálogo entre formações de esquerda derivam de uma falta de definição clara em relação a este binário **conservar-transformar**, mesmo quando as divergências apareçam principalmente sob a forma de simples questões de tática ou de meios de acção.

#### DESTRUIR — CONSTRUIR

As cidades novas vão crescendo dia a dia à custa de uma expansão

por áreas que ainda há poucos anos eram bucólicos recantos campestres às portas da urbe (isto é, eliminação de zonas antes ocupadas pela actividade agrícola, ou simples destruição de uma paisagem cantada por líricos de outras épocas ou chorada pelos actuais...) ou por ocupação de áreas citadinas, em que os enormes edifícios abundantemente vidrados se substituem aos velhos trastes arrebicados, demolidos em nome do progresso. Isto não é mais do que um símbolo grosseiro da dialéctica **destruir-construir**.

O insuspeito Schumpeter, na sua obra mais famosa, reconhecia ao sistema capitalista a virtude particular da «destruição criadora». Com efeito, se considerarmos um exemplo que retoma a outro nível o aspecto de renovação que ele pôs em evidência sobretudo no plano tecnológico, é bem sabido que uma empresa de carácter familiar tradicional, dominada desde sempre pela vontade despótica do velho chefe de clan, incapaz de se integrar nesse processo vital de destruição-criação, possuído acima de tudo pela ideia de **conservar** o poder e os privilégios familiares, bem como os daqueles que se lhe associaram nessa aventura sem futuro, tal empresa, dizíamos limitou-se a destruir (iniciativas, ideias novas, potencialidades, até mesmo seres humanos) e, nessas condições, a sua única hipótese de sobrevivência passa inevitavelmente pela destruição (entenda-se afastamento, ou desaparecimento) daqueles que não souberam **construir transformando**. Outros empresários mais avisados, apercebendo-se a tempo das virtualidades do processo, conseguiram, se não conservar intactas todas as suas majestosas prerrogativas, transformando a empresa conservar o sistema.

À escala das sociedades o paralelismo é flagrante. Dificilmente encontraremos hoje quem de boa fé

e sem cair no ridículo negue a importância (se não a necessidade histórica) do imenso caminho de renovação aberto pelas destruições radicais operadas pela Revolução Francesa. A herança deixada por esse movimento ainda hoje se mantém vigorosa apenas devido a terem os mais esclarecidos dos seus herdeiros compreendido a ineluctabilidade do referido processo (ou porque ele seria já, muito simplesmente, inerente ao próprio sistema, como afirmava Schumpeter). Outros fenómenos históricos mais próximos de nós oferecem-nos também exemplos claros de que a construção de algo de **novo exige** a destruição de parte mais ou menos considerável do que isso possa custar a umas quantas almas piedosas. É por vezes curioso verificar a dificuldade de alguns em aplicar esta mesma lógica a certos acontecimentos contemporâneos, desde as lutas raciais nos Estados Unidos até à revolução cultural chinesa, entre inúmeros outros exemplos possíveis.

Ligado a tudo isto está, evidentemente, todo o problema da violência. Dizer que **destruir** implica sempre uma certa violência. O facto é que nem sempre foi fácil aplicar à risca este princípio, e mesmo o seu único êxito conhecido, além de muito discutível, não é exemplar. Importa, sim, assinalar — o que muitos pretendem ignorar — que a violência é algo de tão intimamente ligado ao **destruir** como ao **conservar** (de passagem: a relação entre estas duas palavras é de exclusão recíproca e não de contradição dialéctica; elas situam-se, de certo modo, ao mesmo «nível»). Com efeito, conservar a todo o transe significa uma oposição constante a transformações inscritas numa dinâmica das sociedades abertas, e por isso mesmo quanto mais forte o desejo de **conservar**, maior a violência necessária para evitar aquelas transformações. Não é pois de estranhar que os que pretendem **construir** se

vejam na necessidade de empregar uma violência de sinal contrário, por esse facto a si própria se legitimando, e tendo por vezes de ir na **destruição** mais além do que uma fria lógica reputaria necessário.

É em torno destes conceitos que se situa, por exemplo, a grande divisão das esquerdas latino-americanas. Segundo as teses que se inspiram no exemplo cubano, a **construção** de uma nova América Latina, dadas as estruturas socio-económicas existentes, só pode assentar na **destruição** radical dessas mesmas estruturas, o que é considerado incompatível com um jogo parlamentar que já deu suficientes provas negativas. Como se vê, também aqui uma discussão aparentemente de carácter tático tem por fundo uma divergência fundamental em relação ao binário **destruir-construir**. Em termos da velha querela dos meios e dos fins, isto traduz-se do seguinte modo: poder eventualmente haver diversos meios para atingir os mesmos fins, mas existem meios que, pela sua própria natureza, negam os fins e são portanto, incompatíveis com eles. É nessa medida que tática e estratégia não podem ser coisas independentes.

#### PENSAR-AGIR

Este terceiro binário, deixamo-lo à consideração dos leitores. Porventura o mais importante, já dele foram feitas abundantes e profundas análises. De um ponto de vista dialéctico é, se assim se pode dizer, o mais puro. A sua discussão situa-se entre os dois limites extremos da retórica vazia e estéril, e da acção cega e irreflectida. Agir antes de saber **tudo**, discorrer antes de ter experimentado **tudo** — são por certo as únicas atitudes criadoras, as únicas não paralisantes. Qualquer delas contém aquela parte de desconhecido, de risco calculado, que lhe dão uma autêntica dimensão humana.

### POR ONDE VAI A ECONOMIA PORTUGUESA?

de Francisco Pereira de Moura

### A REVOLUÇÃO DE SETEMBRO DE 1836

de Victor de Sá

### UM PORTUGUÊS EM CUBA

de Alexandre Cabral

### INTRODUÇÃO À POLÍTICA

de Jean-Lassale

### OS TESTES MENTAIS

de Pierre Pichot

### CENSURA E CINEMA

de Guido Aristarco, Joseph Losey e outros

### AS CRISES MONETÁRIAS

de Paul Einzig, P. Mendès-France e outros

### LIRA DE BOLSO

de David Mourão-Ferreira

### OS EXÉRCITOS DA NOITE

de Norman Mailer

### MODERNA TEORIA ECONÓMICA (nova ed.)

de Jan Pen

### SOBRE A LIBERDADE

de John Stuart Mill

### LUA-SIM OU NÃO

de Bertrand Russel, Arnold Toynbee e outros

### A MITOLOGIA

de Edith Hamilton

### JUVENTUDE E CONTESTAÇÃO (2.ª ed.)

de Sartre, Moravia, Marcuse e E. Faure

### TERRA DE NEVE (2.ª ed.)

de Yasunari Kawabata

OBRAS EDITADAS EM OUTUBRO / NOVEMBRO POR

### PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

RUA LUCIANO CORDEIRO, 119

LISBOA